

Quintais da Comuna da Terra Irmã Alberta: plantando árvores nativas na região periurbana de São Paulo, SP
Comuna da Terra Irmã Alberta planting native trees in the peri-urban region of São Paulo, SP

OLIVEIRA, Cinthia Diniz¹; OLIVEIRA Jr., Clovis J. Fernandes

¹ PPG em Biodiversidade e Meio Ambiente (IPA), cinthiadiniz.oliveira@gmail.com; ² Instituto de Pesquisas Ambientais (IPA), clovis@sp.gov.br

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Agriculturas Urbanas

Resumo: Os quintais agroflorestais referem-se à extensão da casa do agricultor, onde pequenos animais, plantas lenhosas perenes e herbáceas são cultivadas. O presente estudo objetivou realizar um levantamento etnobotânico de espécies arbóreas nos quintais da Comuna da Terra Irmã Alberta. O estudo foi conduzido por meio de entrevista semi-estruturada e observação participativa. Concomitante às entrevistas, os dados botânicos foram coletados, no qual foram levantados 918 indivíduos arbóreos, entre nativos e exóticos do Brasil, de 80 espécies distribuídas em 18 famílias botânicas distintas, sendo 47 espécies nativas do Brasil e 33 exóticas cultivadas, com diferentes funções e categorias de uso. Os resultados apontam um ganho na vegetação arbórea do território, promovendo ganhos na qualidade ambiental na região, indicando que esse sistema de uso e ocupação do solo contribuiu positivamente para o enriquecimento e conservação das espécies arbóreas nos quintais agroflorestais.

Palavras-chave: agroecologia; quintais agroflorestais; reforma agrária; etnobotânica.

Introdução

A intensa exploração dos recursos naturais tem provocado enormes danos aos ecossistemas e prejudicado o fluxo dos serviços ecossistêmicos. Nas cidades, o avanço e intensificação dos processos de urbanização tem promovido grandes reduções de áreas verdes. Estes fatos têm conduzido a humanidade a uma grave crise ecológica (ALTIERI & NICHOLLS, 2020; MACEDO et al., 2021).

Os quintais são caracterizados como espaços adjacentes às moradias, que nos ambientes urbanos, tem se conformado cada vez mais de dimensões reduzidas, porém, nos ambientes periurbanos ainda guardam características dos quintais de antigamente, ou seja, espaço de convivência da família onde se cultivam diversas espécies vegetais, com distintas finalidades. No caso dos quintais periurbanos, é comum que se caracterizem como quintais agroflorestais, mesmo que os moradores não tenham o conceito agroflorestal introjetado culturalmente, mas que na prática cultivam árvores frutíferas, intercaladas com espécies arbustivas ou herbáceas, e muitas vezes junto a criação de animais de pequeno e médio porte (SILVA & OLIVEIRA Jr., 2021).



A degradação da qualidade de vida e ambiental nas cidades é tamanha que as Nações Unidas propuseram a agroecologia e os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável como diretrizes aos governos locais (FAO, 2018); bem como outras linhas de pesquisas e ações foram surgindo através dos tempos, a fim de mitigar os efeitos das mudanças climáticas, como por exemplo “florestas urbanas”, “agricultura urbana e periurbana”, “soluções baseadas na natureza” e mesmo aquelas ligadas diretamente ao termo sustentabilidade (ALTIERI & NICHOLLS, 2018; SHARMA et al., 2022).

A Comuna da Terra Irmã Alberta, situada nas áreas periurbanas da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), é um exemplo de assentamento conforme o modelo "Comunas da Terra" do Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Um traço distintivo é a ênfase na agroecologia e na colaboração comunitária (Goldfarb 2006; Silva et al., 2019). Os residentes desse local dividem seu tempo entre atividades urbanas remuneradas e práticas agrícolas nos quintais, que são caracterizados como quintais agroflorestais (Silva et al., 2019).

Assim sendo, o presente estudo teve como objetivo realizar um levantamento etnobotânico sobre as espécies arbóreas em quintais agroflorestais da Comuna da Terra Irmã Alberta, bem como compreender o papel destes agroecossistemas na conservação de árvores nativas.

Metodologia

Caracterização da área - A Comuna da Terra Irmã Alberta é um pré-assentamento estabelecido em 2002 e organizado pelas frentes de massa do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), localizado na região de Perus, São Paulo, SP, entre as coordenadas UTM E= 314.358,61; N= 7.408.208,83 e E=314.427,55; N=7.408.102,41 (Figura 1). Localizada em uma área periurbana da Região Metropolitana de São Paulo, corresponde ao modelo de assentamento estabelecido pelo MST denominado “Comunas da Terra”, que possui como particularidade a adoção da agroecologia e a cooperação comunitária, e que dividem sua força de trabalho entre atividades urbanas remuneradas e atividades agrícolas praticadas em seus quintais.

A pesquisa, de caráter exploratório, não probabilística, foi realizada por meio de metodologias participativas com aplicação de entrevistas e visitas monitoradas. Para a seleção de informantes foi utilizada a técnica bola-de-neve (VINUTO, 2014).

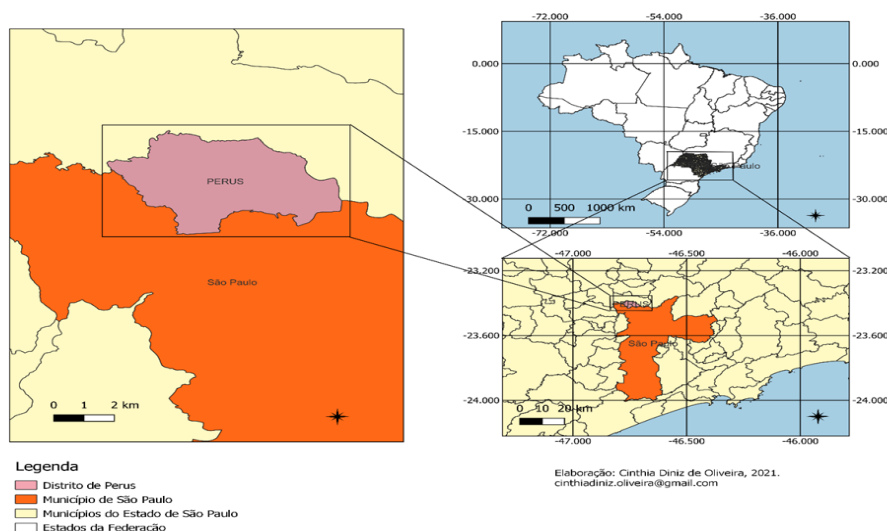


Figura 1. Localização da Comuna da Terra Irmã Alberta, distrito de Perus, São Paulo, SP. Fonte: Oliveira, Cinthia (2021)

Resultados e Discussão

A Comuna da Terra Irmã Alberta é dividida em 04 núcleos, a princípio constituídos por 10 famílias aproximadamente cada, em lotes individuais de 5.000 m², e um lote coletivo de 10.000 m² destinado à produção da comunidade. Ao todo, 10 lotes familiares, de diferentes núcleos, participaram desta pesquisa. Os quintais, oriundos de uma agricultura familiar de pequena escala na Comuna da Terra Irmã Alberta, apresentam grande associação entre espécies agrícolas, florestais, palmeiras, ervas medicinais e criação de pequenos animais, como galinhas, patos e cabritos, com o objetivo de fornecer complementação nutricional à família e gerar renda através da comercialização dos excedentes produzidos ao redor de suas residências. Dessa maneira, conforme os aspectos produtivos, esses ambientes são caracterizados como quintais agroflorestais (SILVA & OLIVEIRA Jr, 2021).

De acordo com os fundamentos do Programa Agrário Popular descrito na Cartilha do Programa Agrário do MST (2013), toda produção agrícola deve utilizar técnicas e princípios agroecológicos, abolindo o uso de agroquímicos e sementes de origem transgênicas, bem como assegurar a produção de alimentos ambientalmente saudáveis. A partir desta orientação do MST, voltada para a produção agroecológica, o território da Comuna da Terra Irmã Alberta é espaço vivo da prática, da construção do conhecimento e do movimento da agroecologia, onde ocorrem muitos cursos, vivências, oficinas, sendo também o local da I Feira de Troca de Sementes e Mudanças da Reforma Agrária na Região Metropolitana de São Paulo. Desse modo, o uso da agrobiodiversidade na produção de alimentos é bastante presente. Neste trabalho foram identificadas espécies arbóreas frutíferas,



nativas e exóticas; raízes, como mandioca, batata-doce, inhame, cará, batata yacon; cultivos de roçado, como feijão, milho, quiabo, abóboras; e diversas hortaliças.

Além da proposta agroecológica, o MST também protagoniza o plano de plantio de 100 milhões de árvores nos assentamentos de reforma agrária (MST, s/d), que vem incentivando o plantio de árvores nos territórios, sejam no avanço de sistemas agroflorestais, sejam em processos de cuidados e recuperação de nascentes. Neste trabalho, foram identificados 918 indivíduos de porte arbóreo presentes nos quintais, de 80 espécies distintas, sendo 59% (n=47) espécies nativas do Brasil e 41% (n=33) exóticas cultivadas. Das 47 espécies arbóreas nativas (476 indivíduos), foram identificadas 18 famílias botânicas, sendo a apresentar maior frequência, a família Myrtaceae, com 40,5% (n=193) de indivíduos, seguidos de Bignoniaceae representando 15% (n=72) e Bixaceae com 9% (n=43).

A categoria de uso que reuniu maior número de espécies nativas foi a medicinal, com 65 citações de uso, enquanto entre as espécies exóticas cultivadas, a categoria de uso mais citada foi consumo familiar, especificamente a alimentação humana (91 citações). A função de conservação, apontada pelos agricultores como importante para a manutenção da biodiversidade local, apresentou destaque entre as espécies nativas, com 40 indicações de uso para esta finalidade.

Desde a sua primeira ocupação, que ocorreu em 20 de julho de 2002, a fitofisionomia da área passou por mudanças significativas. A figura 2 mostra que o território que seria destinado a implantação de um “lixão”, apresenta hoje, com a conservação e seleção das espécies ao redor das residências, notável ganho ambiental, pois demonstra a presença e o desenvolvimento dos componentes arbóreos ao longo do tempo de ocupação. Durante as entrevistas, os agricultores ainda apontaram que ao chegar em seus lotes a primeira vez, encontraram um ambiente extremamente antropizado, com presença de *Brachiaria* e diversos eucaliptos (*Eucalyptus* spp), bem como pontos de depósito clandestino de lixo e com diversos relatos de ocorrência de crimes. Diante da pressão pela disputa do território que muitas vezes ameaça sua permanência no campo, este grupo social estabeleceu estratégias de resistências para tornar possível sua reprodução social e relações de mercado que preservem as características dos agricultores. As políticas de reforma e desenvolvimento agrário que encontram-se em risco e que foram impulsionadas por movimentos sociais, buscam utilizar a agroecologia como base produtiva, visando a soberania alimentar e a conservação da biodiversidade nos assentamentos rurais (MARCHETTI et al., 2020; PERALTA, 2022).

Embora o desmonte das políticas agrárias que a partir de 2016 tenha sido intensificado, especialmente no que se refere a diminuição da agenda pública da reforma agrária como pauta (ROLEMBERG, 2022), os agricultores e agricultoras demonstraram como perspectivas futuras grande comprometimento e engajamento na produção de sementes e mudas diversas e, principalmente, no enriquecimento dos lotes individuais e áreas coletivas com espécies de porte arbóreo nativas do



Brasil por meio da organização coletiva entre os atores sociais e mediados pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra.



Figura 2. Imagem de satélite da Comuna da Terra Irmã Alberta na sua primeira ocupação, em 2002, e nos anos de 2009, 2017 e 2023.

Conclusões

Desde a primeira ocupação do território, por meio de usos tradicionais com diferentes finalidades, os agricultores vêm enriquecendo a composição florística destes agroecossistemas, caracterizados como quintais agroflorestais. O enriquecimento aconteceu principalmente com árvores nativas brasileiras, o que proporcionou além da alteração da fitofisionomia, mudanças substanciais que se estendem além das questões estéticas, sendo ampliadas ao fornecimento de serviços ambientais e ecossistêmicos nas regiões urbanas e periurbanas. As agricultoras e agricultores do pré-assentamento Comuna da Terra Irmã Alberta, que ainda aguardam regularização fundiária, demonstraram por meio das avaliações qualitativas e quantitativas no período que se deu o estudo, utilizar quantidade considerável de espécies arbóreas nativas, as quais contribuem com a melhoria da qualidade ambiental.



Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento do projeto de pesquisa “Levantamento etnobotânico e conservação de espécies arbóreas na agricultura periurbana: o caso da Comuna da Terra Irmã Alberta, bairro de Perus, São Paulo, SP” (Capes, 88887.514050/2020-00). Assim como aos agricultores e agricultoras da Comuna da Terra pelo conhecimento adquirido.

Referências bibliográficas

ALTIERI, Miguel A; NICHOLLS, Clara I. Urban agroecology: designing biodiverse, productive and resilient city farms. **Agro Sur**, v. 46, n. 2, p. 49–60, 2018.

ALTIERI, Miguel A; NICHOLLS, Clara I. Agroecology: Challenges and opportunities for farming in the Anthropocene. **Int. J. Agric. Nat. Resour.**, v. 47, n. 3, p. 204-215, 2020.

FAO. Food and Agriculture Organization of the United Nations. **The 10 elements of agroecology**: hiding the transition to sustainable food and agricultural systems. 2018.

GOLDFARB, Yamila. Do campo à cidade, da cidade ao campo: o projeto comunas da terra e a questão dos sujeitos da reforma agrária. **Agrária**. São Paulo. São Paulo: FFLCH/USP n.5, p.109-138, 2006.

MACEDO, Bruno N.; COMAS, Fernanda N.; GALLARDO, Amarillis L. C. F. Serviços e desserviços ambientais associados à agricultura urbana e periurbana no município de São Paulo. **J. of Urban Tech. and Sustain.**, v. 4, e20215, 2021.

MARCHETTI, Fábio; MARQUES, Paulo E. M.; SANTOS, João D.; SILVA, Felipe O. C. Caminhos da reforma agrária no Brasil e suas implicações para a agrobiodiversidade. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 28, n. 2, p. 284-311, 2020.

MST. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. **Plantar árvores: produzir alimentos saudáveis**. Setor de Produção, Cooperação e Meio Ambiente do MST. 72p. s/d.

PERALTA, Marina C. C. Agroecologia, fortalecendo autonomias: relatos dos mutirões agroflorestais no Assentamento Comuna da Terra Dom Tomás Balduino, Franco da Rocha, SP. **Rev. Depto. Geografia**, v. 42, e186101, 2022.



ROLEMBERG, Igor. Terra, Estado e movimentos: declínio da reforma agrária a partir de uma etnografia na Amazônia Oriental. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 30, n.2, e2230201, 2022.

SHARMA, Rashmita; MINA, Usha; KUMAR, B. M. Homegarden agroforestry systems in achievement of Sustainable Development Goals. A review. **Agronomy for Sust. Develop.**, v. 42, e44, 2022.

SILVA, Diego M. B.; OLIVEIRA Jr., Clovis J. F. Perception of ecosystem services by peri-urban farmers in São Paulo, SP, Brazil. **Gaia Scientia**, v. 15, n. 3, p. 116-133, 2021.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.